

“COMO SE FUERA EL AGUINALDO”: MACONHA, DINÂMICAS DE OPORTUNIDADE E REORGANIZAÇÃO IDENTITÁRIA NA FRONTEIRA JAGUARÃO/RIO BRANCO

HENRIQUE JESKE¹;
SIMONE DA SILVA RIBEIRO GOMES³

¹Universidade Federal de Pelotas – henrique.jeske@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – simone.gomes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O debate sobre as fronteiras — físicas, simbólicas e normativas — demanda um olhar atento às interações sociais que se desenrolam no espaço liminar entre Brasil e Uruguai. A regulação da maconha, marcada pela Lei 19.172/2013 no Uruguai e pela Lei 11.343/2006 no Brasil, exacerba a assimetria e tensiona experiências cotidianas, tanto no plano material quanto nas identidades coletivas e individuais dos sujeitos da fronteira. No contexto entre Jaguarão e Rio Branco, a produção agrícola de cannabis por aposentados uruguaios, que a comercializam para o Brasil, reconfigura práticas, valores e simbolismos arraigados na cultura transfronteiriça.

Inspirando-se nas formulações de Erving Goffman (2002; 2011), não apenas os papéis sociais assumidos pelos produtores, mas também as performances públicas e privadas dessas identidades, tornam-se centrais para compreender as nuances práticas do viver fronteiriço. A perspectiva goffmaniana permite decifrar os gestos, rituais de interação e quadros de experiências compartilhadas entre esses sujeitos, cujas ações ora desafiam, ora reiteram a ordem normativa dominante. Neste trabalho — um breve recorte de minha tese doutoral, atualmente em processo de análise de dados colhidos em campo —, busca-se mostrar como essas estratégias de sobrevivência, engendradas pela assimetria legal da cannabis, ativam distintos *frames* de significação social e reformulam arranjos de pertencimento coletivo na fronteira.

2. METODOLOGIA

A etapa da pesquisa que gerou este recorte, de natureza etnográfica, valeu-se de entrevistas semiestruturadas com moradores uruguaios residentes em Jaguarão – Rio Branco, de observação participante em espaços sociais vinculados ao mercado canábico e acompanhamento não participante em postos policiais da linha de fronteira.

O método goffmaniano de análise de situações interacionais permitiu uma leitura dos ‘rituais de interação’ (GOFFMAN, 2002) e das performances cotidianas dos atores envolvidos nas interações investigadas. O uso de diário de campo, registros fotográficos e a análise documental de legislações forneceu um quadro rico e plural, capturando adaptações discursivas, estratégias de face e negociações normativas entre protagonistas da cena fronteiriça. As entrevistas aprofundaram relatos de pequenos agricultores caseiros como *El Tigre*, cujos depoimentos ilustram as redes de confiança e os rearranjos identitários na região. Os relatos deste e de outros entrevistados fundamentam toda a argumentação que segue.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No cruzamento das fronteiras, aposentados uruguaios convertem a produção legal de cannabis em arranjos híbridos de sobrevivência: vendem parte da colheita para o Brasil, adensando economias populares e desestabilizando os marcadores clássicos de licitude/ilicitude.

O termo *aguinaldo*, conforme relatado por *El Tigre*, equivale ao décimo terceiro salário no Brasil, simbolizando uma renda adicional que, embora não possibilite riqueza, é suficiente para melhorar a qualidade de vida ao ajudar a cobrir as despesas do dia a dia. Essa designação, produzida no campo da experiência dos produtores fronteiriços, traduz a reconfiguração simbólica do trabalho agrícola com a maconha, imbuída de uma ética própria vinculada à valorização do esforço e da sobrevivência digna. *El Tigre* enfatiza que, para a maioria dos aposentados envolvidos, a atividade é pequena e está longe de se consolidar como uma fonte de lucro fácil, mas assume um papel social e econômico crucial, funcionando como uma espécie de complemento necessário — o *aguinaldo* — que sustenta não apenas a subsistência material, mas também a manutenção de saberes tradicionais e o contraste moral frente às drogas sintéticas no contexto local. Essa dinâmica evidencia como a produção legal de cannabis, para esses sujeitos, é mais do que um negócio; é uma forma de negociação identitária e de resistência simbólica, alinhada com a lógica das economias populares limítrofes (THOMPSON, 1993; SILVA et al., 2013)

A análise dos ‘frames’ (GOFFMAN, 2012) evidencia como esses produtores performam papéis sociais ambíguos: legalizados em seu território de origem, tornam-se agentes marginais ao cruzar a fronteira mercantil. Suas práticas reconfiguram as fronteiras simbólicas, ora reforçando, ora tensionando categorias de pertencimento e exclusão (LAMONT; MOLNÁR, 2002), ao passo que reivindicam saberes agrícolas tradicionais e materializam novas narrativas sobre a velhice, trabalho e moralidade.

Esses sujeitos cultivam, vendem e justificam suas ações por meio de rituais de interação, negociando legitimidade diante do Estado e da comunidade. A produção de cannabis converge para o reconhecimento de uma moral prática, onde o ilícito legalmente é socialmente legitimado (FRAGA, 2015; THOMPSON, 1993), e as fronteiras entre legalidade e ilegalidade tornam-se permeáveis, adaptáveis ao contexto local. O protagonismo simbólico dos idosos, “guardiões de saberes tradicionais”, enriquece as economias populares e ativa a mobilidade identitária perante ambiguidades normativas e morais.

4. CONCLUSÕES

Os produtores de cannabis na fronteira Jaguarão/Rio Branco exemplificam como sujeitos ‘transfronteiriços’ constroem e contestam identidades, alternando entre conformidade e resistência às ordens normativas. A aplicação do referencial goffmaniano revela a potência dos ‘rituais de interação’ e frames sociais para explicar as reconfigurações identitárias e os rearranjos estratégicos acionados diante da assimetria regulatória.

A fronteira emerge, assim, como processo — e não apenas linha geográfica —, capaz de transformar cotidianos, modelar práticas e reinventar pertencimentos (MARTINS, 1997). As estratégias de sobrevivência, fortemente ancoradas no *ethos* comunitário, reafirmam a criatividade das economias populares e demandam políticas sensíveis à complexidade do espaço fronteiriço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORFMAN, Adriana. Nacionalidade doble-chapa. Novas identidades na fronteira Brasil-Uruguai. In: Alvaro Luiz Heidrich et al. (org.). **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. Porto Alegre, 2008. pp. 241-270.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. Os plantios considerados ilícitos, geração de renda e a política repressiva: uma introdução para a leitura. In: Fraga, P. C. P. (Org.) **Plantios ilícitos na América Latina**. 1º edição – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Vozes, Petrópolis, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise**. Vozes, 2012.

LAMONT, Michèle; MOLNÁR, Virág. The study of boundaries in the social sciences. **Annual Review of Sociology**, v. 28, p. 167-195, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Harley; DINIZ, Sibelle; FERREIRA, Vanessa. Circuitos da economia urbana e economia dos setores populares na fronteira amazônica: o cenário atual no sudeste do Pará. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 61, 2013. DOI: 10.22296/2317-1529.2013v15n2p61.

THOMPSON, Edward Palmer. **Customs in Common: Studies of Traditional Popular Culture**. New York: New Press, 1993